

COMUNIDADES TERAPÊUTICAS: REFLEXÕES E ATRAVESSAMENTOS NA SUBJETIVIDADE LÉSBICA

THERAPEUTIC COMMUNITIES: REFLECTIONS AND CROSSINGS IN LESBIAN SUBJECTIVITY

Luana Medeiros de Sá Lucas 1
Jeferson Camargo Taborda 2

Resumo: A sexualidade e o gênero são categorias essenciais para se analisar as experiências humanas, em especial nas sociedades modernas, que são pautadas por elas. Contudo, boa parte destes grupos se embasam em preceitos referentes à ideia de que existem performances de gênero e de afetos corretas em detrimento de outras, esvaziando tais vivências destoantes, assim como aconteceu com os indivíduos que se distanciam da heteronormatividade ao longo da história, em especial para as mulheres lésbicas. Tendo este fato em vista, o objetivo da investigação foi ponderar como se construiu a subjetividade lésbica na sociedade e, para isso, utilizou-se das representações do filme “O mau exemplo de Cameron Post”, que retrata a vida de uma jovem lésbica enviada para um local que promove a chamada “cura gay”. A análise tornou claro como a problemática é multifatorial e embasada em valores que permeiam a cultura ocidental, permitindo que tais violações em busca de tratar algo que não é patológico continuem sendo disseminadas, mesmo com legislações e a posição científica indo contra. Por fim, conclui-se que é um tópico delicado, mas que precisa ser discutido para contribuir com a problematização das questões relativas aos marcadores sociais e dispositivos que permeiam a subjetividade das mulheres lésbicas.

Palavras-chave: Mulher. Lésbica. Cartografia. Etnografia.

Abstract: Sexuality and gender are essential categories to analyze human experiences, especially in modern societies, which are guided by them. However, most of these groups are based on precepts referring to the idea that there are performances of gender and correct affects to the detriment of others, emptying such conflicting experiences, individuals who distance themselves from heteronormativity throughout history, especially for lesbian women. Having this fact in view, the objective of the investigation was to consider how lesbian subjectivity was built in society and, for this, were used: unlocking the representations of the film “The bad example of Cameron Post” that portrays the life of a young lesbian sent to a place that promotes the so-called “gay healing”. The analysis made clear how the problem is multifactorial and based on values that permeate Western culture, allowing such violations in search of treating something that is not pathological continue to be disseminated, even with legislation and the scientific position going against. Finally, it is concluded that it is a delicate topic, but it needs to be discussed to contribute to the problematization of issues related to social markers and devices that permeate the subjectivity of lesbian women.

Keywords: Woman. Lesbian. Cartography. Ethnography.

-
- 1 Mestranda em Psicologia (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1748838426754678>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3264-3487>. E-mail: luamslucas@gmail.com
 - 2 Doutorado em Psicologia (UCDB). Professor do curso de Mestrado em Psicologia (UFMS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0631132223013537>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1564-3212>. E-mail: jeferson.taborda@ufms.br

Introdução

Ao se debruçar em uma análise aprofundada das vivências humanas em qualquer sociedade, dois temas são de ampla importância: o gênero e a sexualidade. Apesar dos diversos pontos de vista em relação ao gênero, a definição dada por Scott (1995) se alinha ao que é buscado, por trazer o fenômeno como um elemento fundamental para a formação das relações sociais.

No que diz respeito à sexualidade, Foucault (1988) aponta as influências de fatores econômicos, políticos e de poder para compreender as experiências humanas ligadas à sexualidade, pois, ao contrário do que muitos podem pensar, as sociedades ocidentais não buscam a simples repressão das formas com que cada um vai experimentar os seus desejos e afetos, mas sim querem criar maneiras padronizadas para que tais práticas sejam realizadas, a partir de um acordo generalizado do que é aceitável ou não.

Em um contexto que anseia por controlar as vivências de sexualidade e gênero dos indivíduos, é de se imaginar que existam ferramentas que tentam manter o ponto de vista hegemônico, o que leva ao apagamento e à deslegitimação daqueles corpos que não se encaixam na norma. É o caso de mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres, quebrando paradigmas de funcionamento da heteronormatividade, que resguarda o direito para tais relações apenas com pessoas do gênero oposto.

Levando em consideração as tentativas de apagamento destas mulheres, o texto tem como objetivo geral refletir acerca da construção subjetiva da lesbianidade em um cenário de constante invisibilização. Para isso, inicialmente será realizada a análise do filme “O Mau Exemplo de Cameron Post” (2018), adaptação do livro homônimo de 2012, que narra a história de Cameron, uma adolescente lésbica que é mandada pela família para uma instituição isolada, que promete “recuperar” jovens que não se encaixam na heteronormatividade.

E, com os objetivos específicos, busca-se realizar um levantamento de reportagens nas mídias sociais que abordem o tema de comunidades terapêuticas e mulheres lésbicas, verificar os tipos de violência ali vividas e, quais as implicações na subjetividade destas pessoas, dando luz ao debate a partir da análise etnográfica do tema.

Percurso de pesquisa

O trabalho tem como base as ideias da etnografia, que se coloca como uma alternativa de estudo da Antropologia que apresenta preceitos comuns do Jornalismo como forma de alinhar os dados quantitativos e qualitativos dentro de uma pesquisa, em especial quando é o caso de uma pesquisa de campo que precisa se equilibrar com as buscas teóricas (Rovida, 2015).

A etnografia faz parte dos estudos da cartografia, que, de acordo com Escóssia e Tedesco (2015), dá liberdade ao processo de observação para realizar uma análise que não se prenda aos instrumentos clássicos de uma pesquisa descritiva, dando vazão para que o pesquisador intervenha diante dos seus dados, incluindo suas impressões e visões diante do objeto.

A questão central da etnografia é a aproximação do pesquisador com a realidade a ser observada, porém, com a noção de que ele não será um observador alheio aos fenômenos daquele contexto, muito menos conhecerá toda a sua complexidade apenas observando. Ao longo do tempo, se percebeu que para realizar um estudo etnográfico, a pessoa que pesquisa não deve cair na armadilha de buscar uma neutralidade, muito menos acreditar que conhece os elementos do cenário a ser analisado apenas por estar fazendo uma análise aprofundada. Por isso, é essencial que se tenha o cuidado de fazer uma aproximação, mas nunca acreditar que os conhecimentos que podem ser aprendidos sobre a questão se esgotam (Rovida, 2015).

Para além da observação e identificação entre pesquisador e o contexto pesquisado, a etnografia demanda cautela no momento da descrição de tais dados, visto que não é adequado se distanciar neste momento, apenas ditando todo o conteúdo coletado durante o processo de pesquisa. Neste caminho, a pessoa que está à frente da análise precisa se mostrar diante do que é posto, haja vista que é o seu ponto de vista a partir dos fenômenos observados (Geertz, 2008).

Rocha e Eckert (2008) apontam que mesmo que não seja possível para quem pesquisa se aproximar da realidade de tal maneira que se assemelhe aos conhecimentos e vivências de quem faz parte daquele contexto, é essencial que se entregue de maneira integral para tentar compreender os valores daquela cultura de acordo com ela mesma. Para tal tarefa, é preciso que o pesquisador tente se desprender o máximo possível de suas concepções para enxergar os fenômenos a partir do ponto de vista daquele cenário.

Tendo isso em vista, o presente trabalho, tem como proposta principal realizar a análise da construção subjetiva da lesbianidade a partir da escolha do filme “O Mau Exemplo de Cameron Post” (2018) por retratar uma história fictícia fortemente baseada nos diversos relatos de jovens que passaram por esta experiência de violação de suas identidades, na tentativa de fazer com que seguissem normas e comportamentos hegemônicos, de acordo com os preceitos da sociedade estadunidense e do cristianismo, visto que se trata de uma instituição de recuperação mantida por membros da igreja cristã.

Lésbicas: o amor entre mulheres

“A sua luta é contra ter atração pelo mesmo sexo. O primeiro passo é parar de pensar em si mesma como homossexual.”
Lydia Marsh

No dia 28 de setembro de 2022, a convite do Conselho Regional de Psicologia de MS (CRP14), fui convidada a participar, como mediadora, do Projeto Cineclubes, em que houve a exibição e o debate do filme “O mau exemplo de Cameron Post”. O evento teve apoio do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, representado pelas subsecretarias de Políticas Públicas, Saúde e Cidadania e Cultura. A proposta inicial, devido às campanhas do setembro amarelo, era discutir sobre sexualidade e gênero a partir do filme, com o enfoque no público LGBTQIAP+ e nos planos de prevenção ao suicídio dessa parcela da população. Vale notar que, além da dificuldade no lançamento do filme, segundo entrevista concedida pela própria diretora, houve também a baixa participação do público no cineclubes. Embora o evento fosse aberto e gratuito, com divulgação prévia nas redes sociais de todos os participantes, apenas seis pessoas compareceram. Por isso, levando em consideração a notícia da entrevista sobre os obstáculos encontrados para a divulgação e lançamento do filme, aliado às discussões realizadas no cineclubes, discutiremos sobre as principais cenas do filme e algumas de suas implicações para o público lésbico.

Sofrendo diretamente com as influências do machismo e da misoginia, nas sociedades ocidentais, regidas por relações patriarcais ainda nos dias vigentes, as lésbicas enfrentam um apagamento social dentro e fora da própria comunidade LGBTQIAP+. Para compreender o desenvolvimento histórico deste grupo e como outras pautas sociais se entrelaçaram com questões de identidade de gênero e sexualidade, é essencial realizar uma breve análise da história do movimento lésbico no Brasil e no mundo. Swain (2000) afirma que a palavra lésbica é proveniente da mitologia grega. Sapho, uma musa do século VI a.C. que era sacerdotisa de Afrodite e moradora da ilha de Lesbos, além de ser uma poetisa aclamada por narrar histórias de amor entre mulheres. Contudo, com o passar do tempo, sua obra foi vítima do esquecimento, voltando à evidência apenas no século XVII, como um termo que designava mulheres cultas e escritoras de qualquer gênero literário, esvaziando qualquer sentido ligado ao amor entre mulheres, como o termo remetia (SWAIN, 1999).

Entretanto, a ideia do amor continuou em constante mudança e, desde os primórdios, longe de qualquer definição que o delimite como imutável. Atualmente, após o fim da era moderna, o amor passou a contar com processos amplamente vividos, como, por exemplo, paixão, sexualidade, monogamia e afins. Então, por mais que o amor esteja em constante mudança, os marcadores sociais estão presentes no processo de mutação (LIPOVETSKY, 2000).

A vivência de experiências que fogem da lógica heterossexual não é recente e acontece há bastante tempo. Todavia, apesar de a criação da categoria homossexual remontar apenas ao século XIX, incluindo todos os sentidos identitários associados, Weeks (2000) frisa que a prática homossexual não foi inventada, muito menos nessa época, e que a categoria foi criada apenas como resposta à necessidade de categorizar comportamentos destoantes da norma.

No filme “O mau exemplo de Cameron Post”, os marcadores sociais aparecem nos primeiros minutos, quando a tia de Cameron a arruma para o baile de formatura, passando maquiagem em seu rosto, e Cameron, com um semblante triste, retira a maquiagem assim que a tia sai do quarto. Também, encontra-se a tentativa de reafirmar a feminilidade, como se fosse uma maneira de negar qualquer relação próxima de uma masculinidade deturpada ou como uma forma de incluir alguma dinâmica heterossexual onde não existia, visto que Cameron saía escondida com sua colega de classe.

A dinâmica heterossexual também é exemplificada quando os dois convidados, homens, entram na casa, no dia do baile de formatura, e a tia pede que se aproximem das meninas – que são amigas –, segurando-as pela cintura, enquanto tiram fotos para o álbum. Conforme Zanello (2018), a vivência do amor está estabelecida para a mulher lésbica que acessa, ao contrário do homem heterossexual, espaços, subjetivações e implicações de desigualdade de gênero nos mais diversos aspectos, incluindo o amor romântico, engendrado às relações de poder existentes.

Na noite de formatura, após ser encontrada pelo namorado tendo relações sexuais com outra mulher, Cameron foi enviada pela tia a um centro religioso que prometia a cura do interesse por pessoas do mesmo sexo. As relações de poder, então, atendendo a interesses hegemônicos e abrindo brechas para a visão de que a homossexualidade era associada a algo errado ou até patológico, trazem uma ideia de doença para a lesbianidade e todas as outras definições relacionadas (WEEKS, 2000).

Ao direcionar o foco para a realidade brasileira, Swain (1999) coloca o século XIX como um período de destaque para esta análise. Mulheres que agiam de forma masculina ou que se vestiam com peças consideradas masculinas eram passíveis de internação compulsória em hospícios, ato comum na época. Diversas mulheres que fugiam minimamente das normas sociais opressoras poderiam ser internadas, sob os pretextos mais vazios. Bastava causarem algum tipo de desconforto para a família ou para a ordem social, que essas mulheres poderiam ser vítimas desse verdadeiro encarceramento, incluindo o atravessamento sobre a forma com que a psique feminina era patologizada por si só.

Tendo em vista o desconforto das pessoas à volta de Cameron, que a levaram à negação da lesbianidade e de sua subjetividade, em sua estadia no centro religioso, ela é proibida de usar o apelido “Cam”, uma vez que a diretora do lugar afirma que o uso de um nome neutro reforçaria sua “confusão sexual”. Entende-se, então, que a lesbianidade não está passível de análise exclusiva da sexualidade, uma vez que, em uma sociedade que elenca o gênero como determinante social, esta mulher lésbica necessariamente precisaria ser mulher, concomitantemente, sob os pressupostos já definidos (ZANELLO, 2018).

Outra pauta que se encontra “em perigo” em face da existência da lesbianidade é a quebra de expectativas diante da maternidade. Por séculos, o papel relegado às mulheres na sociedade ocidental, pautada em valores cristãos, foi o de cuidadora do lar e da família, o que incluía a maternidade, vista como obrigatória e natural. Logo, quando alguma mulher ameaçava essas expectativas, impedindo a vivência da maternidade, invariavelmente, se esperava que fosse punida por não cumprir com seu papel “natural” (SWAIN, 1999).

Por medo de punições e de viver abertamente experiências vistas como erradas, o apagamento das vivências lésbicas ocorreu ao longo dos séculos em diversas esferas, do individual até os registros históricos. No sentido dos indivíduos, o celibato tornou-se a única opção para diversas mulheres ao longo do tempo, colocando-se como uma maneira de controle social que pode ser encontrado, de certa forma, na vivência do papel de cuidadora da família, fruto da heterossexualidade compulsória, pois muitas eram obrigadas a casar-se e assumir o celibato de seus desejos para seguir uma vida criada para satisfazer aos outros e nunca a si mesmas (SWAIN, 1999).

Então, ao homem, o lugar de decisão está posto, enquanto para a mulher caberia a vulnerabilidade de passar por esse processo de decisão como objeto de avaliação. Valeska Zanello (2018) afirma que esse lugar simbólico seria a prateleira do amor, onde a mulher, por intermédio dos ideais estéticos, deve fazer por onde ser escolhida. Caso assim não fosse, a mulher lésbica teria falhado ao ser mulher. Com o passar do tempo, o movimento lésbico encontrou apoio nas teorias feministas, que proporcionaram maior visibilidade para questões relacionadas às práticas

sexuais femininas, algo que sofreu com ampla repressão durante séculos, por preceitos religiosos e do patriarcalismo.

De volta ao filme, durante a intervenção à que Cameron foi submetida, o coordenador, autodeclarado “ex-doente”, junto da diretora e terapeuta, disse que não havia possibilidade de que Cameron pensasse em si mesma como homossexual, mas como cristã, para que no fim do tratamento alcançasse a cura, assim como eles. Por intervenções desse tipo e outras razões, determinadas identidades sociais, que antes sofriam com a invisibilidade quase completa, encontraram no centro de discursos de liberdade feminista a oportunidade de terem seu espaço político reivindicado (HALL, 1997).

Diante da mentalidade que permitiu que a lógica heterossexual dos afetos se tornasse hegemônica, qualquer outra expressão que fugisse da norma era vista como desviante e digna de estranhamento e repulsa. Contudo, em meados dos anos 1960, com a força dos movimentos por direitos civis de vários grupos minoritários, a questão do reconhecimento dos relacionamentos que fogem da dinâmica heterossexual ganhou força no mundo ocidental, sendo os primeiros passos em busca de romper setores da sociedade e estruturas políticas que pareciam imutáveis até então (HALL, 1997).

Mas, afinal, o que é ser lésbica? Diversas autoras e autores tentaram destrinchar a identidade lésbica, levando em conta todo o seu histórico de invisibilidade e posterior perseguição, em tempos mais recentes. Uma das estudiosas mais importantes sobre o assunto é Monique Wittig (2006), pois abordou como a pluralidade identitária da lesbianidade é muito maior do que se possa imaginar, perpassando movimentos individuais e sociais em constante troca.

Um dos pontos dramáticos do filme eram as técnicas utilizadas no centro de intervenção. Visivelmente inspirados nas dinâmicas de grupo e técnicas projetivas, todos os jovens precisavam representar seus “problemas com sexualidade” por meio de um iceberg – na parte de fora da água, havia os pecados visíveis, ou seja, aquilo que os participantes faziam, e, dentro da água, cada participante elaborava os motivos que os levaram à prática sexual. Uma garota lésbica listou ter assistido futebol com o pai durante a infância; outra, tendo em vista que seus pais saíam com outras pessoas, não teve a vivência de uma família tradicional. Cameron, após sugestão dos líderes do centro, apontou a morte dos pais como possível causa da sua lesbianidade em seu iceberg.

Essa relação entre visibilidade e invisibilidade também ocorreu no processo histórico das lésbicas. Segundo Wittig (2006), durante os movimentos de reivindicação de direitos, estas mulheres poderiam apresentar-se de diversas formas, indo desde um modo de vida abertamente lésbico até uma vivência mais privada. Algumas levantaram bandeiras de apoio e lutas por direitos, enquanto outras faziam isso de maneiras mais sutis e indiretas, ou, muitas vezes, apenas vivendo as suas vidas. Não existiria, então, uma cartilha comportamental para definir o que é ser lésbica; daí vem a ideia de que elas querem, de algum modo, performar a masculinidade de uma forma mais intensa e marcante se comparadas a mulheres heterossexuais é completamente equivocada.

O problema, portanto, não está nas mulheres lésbicas que mostram características mais relacionáveis ao masculino; por exemplo, no filme, as participantes do centro precisavam manter os seus cabelos compridos. Apesar de serem os alvos mais fáceis de ataques e estereótipos, é interessante observar que tanto ódio direcionado para essas mulheres se deve a uma dupla negação de papéis sociais muito importantes para a manutenção do status quo dominante, primeiro ao se relacionarem com homens e, em seguida, ao se verem livres de uma performance de gênero completamente ligada à lógica de feminilidade existente (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2009).

Todavia, a definição de lesbianidade não é fácil de ser colocada; trata-se de um fenômeno complexo, como foi possível perceber ao longo da apresentação de algumas de suas infinitas nuances e questões relacionadas. Por conta disso, apesar de ser importante pensar em um conceito que represente, de maneira geral, a vivência lésbica, essa é uma tarefa ingrata, por conta dos perigos de esvaziar modos de vida importantes e de gerar mais segregação, apesar de se compreender a necessidade de respeitar as individualidades em busca de evitar a invisibilidade à qual este grupo foi relegado por tantos séculos (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2009).

Para Wittig (2006), a experiência lésbica representa uma forma de afastar-se de conceitos e lógicas da heteronormatividade, abrindo, assim, um universo de possibilidades distintas e importantes, em busca de maior liberdade e reconhecimento das vivências femininas, sem esvaziar

a sua pluralidade. Torna-se claro que a ideia de lesbianidade não está relacionada estritamente às práticas sexuais e que abrange as formas de as mulheres lésbicas viverem e enxergarem a si mesmas e o mundo ao redor e de performarem sua própria sexualidade e seus desejos em sociedade.

Mott (1987) retoma algumas das primeiras pesquisas sobre a questão e afirma que os estudiosos se dedicaram muito mais a criar novas categorias para encaixar as experiências desse grupo, que destoava do viver hegemônico, do que a buscar uma representatividade e a naturalização de seus modos de vida. Para ele, tais estudos resultaram na segregação dessas mulheres, excluindo-as de algumas narrativas e buscando a manutenção do status quo.

Gimeno (2005) destaca de que forma a ciência, em especial na figura da Sexologia e da Psicologia, serviu como porta-voz para pesquisas que fortaleceram a contenção destas mulheres, que procuravam sua emancipação ao viverem sua sexualidade além das expectativas e ao tomarem para si tamanha liberdade com os próprios corpos. Para exemplificar seu ponto, o autor afirma que os primeiros estudos, executados ainda no século XIX, buscavam uma explicação para as mulheres se tornarem lésbicas, partindo da ideia de que era um desvio de comportamento adquirido socialmente por elas frequentarem espaços considerados majoritariamente masculinos e, por conta disso, terem passado por algum tipo de confusão mental diante dos papéis que deveriam ser seguidos, indo em busca de viver como os homens, o que explicaria mulheres que possuíam características mais marcantes de masculinidade.

No filme, Cameron recua ao ver que seus colegas estão indo para a floresta, já que entendia que uma prática como a trilha não poderia ser um esporte feminino. Entretanto, os participantes do centro afirmam que a instituição entendia que a trilha era um esporte neutro e, por isso, tinham permissão para praticá-lo. Ainda, Cameron é convidada por uma colega para participar de aulas de ginástica, ministradas por uma mulher loira, branca e heterossexual que promove a libertação pela televisão. Tem-se, então, a ideia da lesbianidade como recusa em ser mulher, pois não segue os modos de ser e agir esperados, representando uma mentalidade que se perpetua em diversos grupos existentes na atualidade, como disse Gimeno (2005).

Nas últimas décadas, os órgãos de saúde pública começaram a atender às reivindicações populares, embasadas por evidências científicas que provaram que a homossexualidade não é uma patologia e muito menos um crime, mas sim um aspecto natural da identidade humana que não deve ser reprimido. Porém, a crença de que existe um único modo de viver limita o sujeito ao aprisionamento do corpo, fadado ao viver imposto pelos dispositivos sexuais, de gênero e afins, perpetua-se de maneira considerável em diversas regiões do mundo (LIMA, 2009).

Apesar disso, a forma como a sexualidade e, invariavelmente, o gênero vão ser experienciados muda de configurações, com outras lógicas de relacionamentos amorosos e afetivos. A expressão dos desejos será diferente da maneira como pessoas heterossexuais se relacionam consigo e com o mundo ao redor. Justamente por essa diferenciação entre os modos de vida das identidades relacionadas à sexualidade destoante do ideário heterossexual, Weeks (2000) fala em um “modo de vida gay”, no qual essas pessoas poderiam explorar possibilidades antes inimagináveis, diante de tantas perseguições e apagamentos, para satisfazer as suas necessidades e viver seus ímpetos mais básicos com maior liberdade e reconhecimento social.

Para falar sobre a questão da visibilidade conquistada pelas pessoas LGBTQIAP+ na atualidade, Weeks (2000, s/p) afirma o seguinte:

“Gradativamente, vai se tornando visível e perceptível a afirmação das identidades historicamente subjugadas em nossa sociedade. Mas essa visão não se exerce sem dificuldades. Para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, “assumir” a condição de homossexual ou de bissexual é um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização.”

Contudo, quanto mais representação na sociedade a comunidade LGBTQIAP+ conquista, mais ganham força os grupos que consideram estes indivíduos como uma ameaça real ao status quo da moralidade. Apesar dos avanços consideráveis no âmbito de direitos civis e judiciais para essa população, sua própria existência representa uma ameaça para ideias conservadoras. Tais

sujeitos, querendo manter seus costumes e seu estilo de vida, se veem sob o perigo constante de terem algumas de suas conquistas revogadas a qualquer momento (WEEKS, 2000).

Por conta disso, quando uma mulher afirma ser lésbica, além da percepção do protagonismo fraudulento, ela influencia as demais a estarem, também, fadadas ao “erro”, à alteração que atingirá a essência do sujeito. Assim, qualquer maneira de amar que fuja do preceito heterossexual e romântico estará contrária à percepção única de amar, vista em filmes, novelas e demais formas de comunicação (LIMA, 2009).

Pode-se retornar aqui ao dispositivo sexual, que, conforme Foucault (1979), prolifera, inventando e controlando a população de tal modo que esta nega, ou ainda, desqualifica o ser e amar uma mulher. Tomam-se como exemplo os adjetivos atribuídos ao ser lésbica, como: mal-amada, desprezada, mulher-macho e outros (SWAIN, 1999).

Analisar o uso da linguagem para expor a existência de outras formas de viver a sexualidade é importante, no sentido de que a linguagem expõe como os assuntos são trabalhados em diferentes esferas da sociedade. Isso pode ser constatado já na escola, por exemplo, onde o silenciamento e a visão de que trabalhar questões de sexualidade e gênero no processo de escolarização é inadequado, por causa da ideia de promiscuidade, ainda muito associada a pessoas LGBTQIAP+ no imaginário social, e até em outros contextos institucionalizados e consolidados com o passar dos séculos (LOURO, 2000).

Algo que é comum em todos os espaços que ainda não recebem bem formas distintas de vivenciar a sexualidade e o gênero é a tentativa de repressão, marginalização e silenciamento. Ainda que os direitos conquistados impeçam determinadas ações contra a existência e convivência dessas pessoas por algumas esferas institucionais de maneira mais clara, as pequenas violações estão presentes o tempo inteiro, sob uma embalagem falsa de aceitação e compreensão (LOURO, 2000).

Nesse caso, diversos templos religiosos, como citado anteriormente, e a forma como a mídia e a justiça ainda tratam situações em que tais questões estão em voga, deixam clara a percepção de que há diferença de tratamento em relação a outras pessoas que vivem suas identidades mais aproximadas da lógica hegemônica. Isso também pode ser visto no filme, como quando, em uma tarde em que preparavam o jantar, Cameron e os colegas estavam cantando e dançando a música “*What’s up?*”, da banda 4 Non Blondes. Na letra, a vocalista Linda Perry, assumidamente lésbica, ressalta que orava todos os dias por uma revolução. Nesse exato momento, a terapeuta do centro entra na cozinha, desliga o som e pede que todos voltem ao preparo dos alimentos. É possível afirmar que cenas de repressão como esta ocorrem no cotidiano de milhares de famílias todos os dias.

Apesar de apresentarem tamanha resistência para aceitar essas pessoas em qualquer espaço, que é delas por direito, Louro (2000) frisa que as instituições e os sujeitos que as formam precisam de um “outro” para se opor aos seus valores e objetivos, pois assim conseguem afirmar suas posições de forma mais clara e pontuada, e adquirem aceitação da população em geral que concorda com tais discursos.

Essas instituições precisam submeter alguns grupos e esferas sociais para se consolidarem diante de uma identidade própria, ou seja, a identidade das pessoas heterossexuais só vai existir se houver um esforço em diferenciar tudo o que não se encaixa dentro dessa ideia. Por conta da ideia naturalizante da heterossexualidade, tal afirmação vem no sentido de colocar-se como contrária ao que é diferente, rejeitando-o, na medida em que, de certa forma, se permite que vivências destoantes aconteçam, porém, esvaziando consideravelmente suas possibilidades de vida (LOURO, 2000).

No entanto, não se pode esquecer que o mundo não funciona de maneira maniqueísta e que qualquer fenômeno tem muito mais movimentos que se estabelecem de um mesmo lado. Para Louro (2000), assim como as várias categorias não heterossexuais servem para satisfazer a necessidade de destaque do que destoa do hegemônico, o próprio fato de conquistar um espaço no imaginário público demonstra, de um jeito ou de outro, como as identidades humanas não seguem normas fixas e imutáveis, funcionando com uma fluidez difícil de compreender, para muitas pessoas.

Como a sexualidade é vista na sociedade como um elemento central para a construção da identidade humana, buscar a padronização e os limites das vivências é muito mais seguro do que

simplesmente aceitar toda a gama de possibilidades que cada pessoa pode seguir em seu universo particular. A sexualidade coloca-se, como Weeks (1985) muito bem pontua, como uma maneira de sentir-se pertencente a algum lugar; logo, mulheres lésbicas agarram-se com todas as forças à sua individualidade para protegê-la.

Entretanto, percebe-se que a compreensão das mais variadas formas de viver não está ao alcance das pessoas. No filme, um dos participantes do centro, Mark, relata que o seu pai negou seu pedido de volta para casa, visto que ainda era afeminado demais. Mark recitou versículos da Bíblia, dizendo repetidas vezes “enquanto eu sou fraco, eu sou forte” e fazendo flexões no chão. A terapeuta pisou nas costas dele e disse que só pararia quando ele se controlasse. Mark chorou e, durante a madrugada, cortou sua genitália e jogou alvejante por cima dos machucados. No dia seguinte, o coordenador e a terapeuta contaram ao grupo que Mark sofreu um acidente, mas, quando o coordenador foi indagado em particular por Cameron acerca do acontecimento, ele chorou e disse que não sabia o que fazer, pedindo desculpa.

Levando em conta a realidade brasileira, em 2022 o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania publicou um dossiê indicando que 273 pessoas LGBTQIAP+ morreram por violência motivada pela sua identidade, o que manteve o Brasil como o país que mais mata LGBTQIAP+ no mundo. Entende-se que, apesar de as ideias conservadoras irem contra essa realidade muito mais diversa do que se consegue conceber, as pessoas LGBTQIAP+ não são subversivas, nem querem transformar a população em pervertida por conta de seus modos de vida destoantes do padrão esperado pelos valores morais e religiosos dominantes.

No próprio filme, é possível reconhecer os impactos da violência sofrida por Mark a partir dos outros personagens, visto que após isso, alguns deles passam a ir em busca de formas de fugir da instituição, com receio de quem seria a próxima vítima da lavagem cerebral oferecida no local. O longa termina com Cameron e outros dois amigos na traseira de uma caminhonete, na qual conseguiram pegar carona após saírem escondidos, com a promessa de tentarem viver as suas verdades, independente dos desafios e percalços que isto possa significar. Essa estrada pode representar uma metáfora para Cameron, indicando uma jornada incerta e fora do seu controle, mas com a confiança de que precisa ser percorrida de uma maneira ou de outra para se chegar ao seu destino, que é a liberdade para ser quem se é, apesar de que os espectadores não saberão com certeza o que acontecerá dali para a frente.

Mesmo que tenha cumprido um papel importante para analisar de quais maneiras tais instituições de “reabilitação” da sexualidade e do gênero atuam em busca de manter as vivências destes corpos sob controle dos interesses hegemônicos, o filme ainda conta uma história fictícia, passada décadas atrás e em outro país, o que limita a investigação aprofundada que está sendo tecida. Dessa forma, sugere-se, então, a necessidade de direcionar a atenção para outros países, culturas e vivências nos dias atuais.

Considerações finais

Para a reflexão sobre os objetivos elencados inicialmente, de refletir acerca da construção da lesbianidade em um cenário de constante invisibilização, com o levantamento das reportagens que abordassem o tema de comunidades terapêuticas e mulheres lésbicas, e, em conjunto da etnografia do filme “O mau exemplo de Cameron Post”, foi possível verificar os mais variados tipos de violências vividas e suas implicações na construção da subjetividade lésbica.

Diante das problemáticas apresentadas ao longo deste trabalho, que permearam as questões de gênero, sexualidade, lesbianidade, corpos e subjetividades, entre outras, também foi possível discutir diversos temas que perpassam as vivências das mulheres lésbicas enquanto componentes de um grupo social. Para essa análise fez-se necessário pensar além da divisão binária de gênero, que toma como ponto de partida o sujeito heterossexual, branco e biologicamente masculino. E, por isso, foi possível notar que a mulher lésbica não está isenta desses estigmas, preconceitos e inferências quanto à sua subjetividade, tendo em vista que o discurso hegemônico encontrado, seja nos escritos e nas notícias, seja nos relatos ou nas falas do filme, instaura a essência sexual que permeia todos os espaços – em casa, na rua ou na igreja.

Ainda, notou-se que o filme não foi capaz de trazer elementos o suficiente para a realização

de uma análise mais robusta, aliado ao fato de contar uma história ficcional, passada na década de 1990 nos Estados Unidos, surgindo então a necessidade de deslocar o foco para o Brasil da atualidade. Para isso, entende-se a necessidade de novas pesquisas que, abordando as comunidades terapêuticas de conversão de sexualidade e gênero, permita observar as nuances da construção da lesbianidade em períodos e contextos distintos.

E eu, como mulher lésbica que se opõe ao modelo de feminilidade tradicional, expressando características consideradas como masculinizadas, por meio da etnografia aqui proposta e tomando como pressuposto Tania Navarro Swain em 2000, quando salientava o desafio do movimento lésbico político em amar e existir, prezo pela importância do acesso à pesquisa. Isso porque não há possível intervenção sem a fundamentação racial, econômica e geográfica, nem sem a investigação dos discursos encontrados e descritos aqui.

Por isso, a presente pesquisa não buscou esgotar o assunto aqui elencado, mas sim considerar que a vivência da sexualidade lésbica está permeada por estratégias que, como descrito, têm normas, pressupostos e objetivos construídos com o tempo, a fim de deslegitimar a existência lésbica.

Referências

CORREIA, Mariama. Para curar a homossexualidade, jovem teria sido submetida a isolamento, exorcismos e terapia em seminário evangélico. **Pública**, 17 de dez. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/12/para-curar-a-homossexualidade-jovem-teria-sido-submetida-a-isolamento-exorcismos-e-terapia-em-seminario-evangelico/>. Acesso em: 27 de set. 2023.

CORREIA, Victor. Mito da “cura gay” causa danos psicológicos profundos. **Correio Braziliense**, Brasília, 19 de jun. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/06/5102798-mito-da-cura-gay-causa-danos-psicologicos-profundos.html>. Acesso em: 27 de set. 2023.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Sílvia. Pista 5: o coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIMENO, Beatriz Reinoso. **Historia y analisis politico del lesbianimos: la liberacion de una generacion**. Editorial Gedisa: Barcelona, Espanha. 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**. jul/dez. 1997. p. 15-46

LIMA, Marli. **Entre elas: cartografias dos devires amorosos**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2009.

LIMA, Aluísio Ferreira de; BATISTA, Karina de Andrade; LARA JUNIOR, Nadir. A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 49-59, jan./mar. 2013

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e evolução do papel feminino**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

LOURO, Guacira. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, 2000.

MARQUES, Marília. Clínica de hipnose no DF promete 'cura gay' em até seis meses; prática é proibida. **G1 Distrito Federal**, Brasília, 08 de nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/08/clinica-de-hipnose-no-df-garante-cura-gay-em-ate-seis-meses-pratica-e-proibida.ghtml>. Acesso em: 27 de set. 2023.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

ROVIDA, Mara Ferreira. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Libero**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SWAIN, Tania. *Amazones brésiliennes? Le discours du possible et de l'impossible*, in Anita Caron (ed) *Recherches qualitatives*, vol 19, Université du Québec à Trois – Rivières, Québec. 1999.

SWAIN. Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000.

TUBAMOTO, Fernanda. Igreja de André Valadão promove 'cura gay' em retiros espirituais em Sabará. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 de jul. 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/07/24/noticia-diversidade,1524576/igreja-de-andre-valadao-promove-cura-gay-em-retiros-espirituais-em-sabara.shtml>. Acesso em: 27 de set. 2023.

WEEKS, J. *Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WITTIG, M. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Trad. (para o espanhol) Javier Sáez y Paco Vidarte. Barcelona: Ed. Egales, 2006.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido em 19 de janeiro de 2024
Aceito em 12 de abril de 2024